

# Dependência externa impõe limitações

*Singer sugere política de crédito voltada para a atividade agrícola e de habitação popular*

O economista e professor Paul Singer diz que apenas a mudança da política econômica permitirá um crescimento sustentado. O modelo atual, avalia, impede que isso ocorra.

“O erro está na dependência externa”, sustenta Singer. Pela sua ótica, o ajuste fiscal e superávits primários tão altos – superiores a 3% do Produto Interno Bruto (PIB) – estão sendo procurados para permitir o pagamento da dívida externa.

“A necessidade de efetuar esses pagamentos e alcançar esse volume de superávit é que impede o crescimento do País”, diz Singer.

Ele não vê alternativas de crescimento dentro do atual modelo. Por isso, sugere o controle do fluxo de capitais externos (supervisionando a entrada de recursos especulativos) e a renegociação da dívida pública externa.

“Essas duas medidas abrem espaço para a redução da taxa de juros e para uma política monetária expansionista”, observa. Singer sugere uma política de crédito orientada para ampliar atividades agrícolas, de habitação popular e saneamento.

Estes setores, além de serem intensivos em mão-de-obra, segundo o economista, permitiriam reduzir as carências sociais da população.

Singer não vê riscos de volta da inflação com estas políticas. “A inflação só voltaria junto com uma política monetária expansionista se estivéssemos em uma economia de pleno emprego”, argumenta. “O Brasil pode ampliar a oferta de bens sem risco de volta da inflação”, sustenta.

Para Singer, o governo também pode (e deve) expandir gastos na área social. Ele sugere medidas como bolsa-escola e programas de renda mínima, que provocam, em contrapartida ao aumento do gasto público, uma ampliação do consumo interno.

“Reduzindo os gastos com pagamento dos juros da dívida pública, o governo recupera capacidade de investimento”, pondera.

Singer não crê em soluções mágicas. O redirecionamento da política econômica seria feito de forma gradativa e traria resultados em um período de dois a três anos.

O Brasil poderia sair da estagnação atual para um crescimento econômico de 4% no primeiro ano, chegando a 6% no segundo e alcançando 8% no terceiro ano, avalia o economista. (D.N.)